

Revista
a

EVOLUÇÃO

Ano II - nº 21 - Out./2021 - ISSN 2675-2573

ISSN 2675-2573



TATIANA CELESTINO DE MENEZES KANEKO

Não basta aprender a ler e escrever, é preciso ensinar as crianças a serem bons cidadãos para o mundo.



Revista **EVOLUÇÃO**

Ano II - nº 21 de Outubro de 2021 - ISSN 2675-2573

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima

Andreia Fernandes de Souza

Isac dos Santos Pereira

Thaís Thomas Bovo

Vilma Maria da Silva

Organização:

Andreia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS)

Ana Paula Mariano da Silva
Delmira Moreira da Cruz
Elida Eunice da Silva
Gladys Aparecida da Silva
Jonatas Hericos Isidro de Lima
Luzerlila Perestrelo Valente
Nádia Rúbia Oliveira Magalhães Pina
Paulo Cordeiro Leite
Silvana Fátima Boni Morato
Wilder Dala Quinjango

A

São Paulo
2021

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Comissão editorial:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

José Roberto Tenório da Silva

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima

Denise Mak

Patrícia Tanganelli Lara

Thais Thomas Bovo

Veneranda Rocha de Carvalho

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adelson Batista Lins

Prof. Esp. Ana Paula de Lima

Prof. Me. Andreia Fernandes de Souza

Prof. Dra. Denise Mak

Prof. Me. Isac dos Santos Pereira

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

Prof. Me. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Prof. Dra. Patrícia Tanganelli Lara

Prof. Dra. Thais Thomas Bovo

Prof. Me. Veneranda Rocha de Carvalho

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado

José Roberto Tenório da Silva

Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. (11) 98031-7887

Whatsapp: (11) 99543-5703

primeiraevolucao@gmail.com

https://primeiraevolucao.com.br

São Paulo - SP - Brasil

netomanuefrancisco@gmail.com

Luanda - Angola

Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores. Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Filiada à:



Publicada no Brasil por:

Edições **Livro Alternativo**

Colaboradores voluntários em:



A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

PRINCÍPIOS:

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – n. 21 (out. 2021). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2021.

82 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.21>

www.primeiraevolucao.com.br

ÍNDICE

05 APRESENTAÇÃO

Profa. Vilma Maria da Silva

07 HOMENAGEM Tatiana Celestino de Menezes Kaneko

COLUNAS

10 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira



ARTIGOS

| | |
|--|----|
| 1. A ARTE E O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM Ana Paula Mariano da Silva | 17 |
| 2. AS HISTÓRIAS INFANTIS E O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS Delmira Moreira da Cruz | 23 |
| 3. A MUSICALIZAÇÃO NA ESCOLA Elida Eunice da Silva | 33 |
| 4. FORMAÇÃO DE PROFESSORES A PARTIR DO TRABALHO DESENVOLVIDO PELO COORDENADOR PEDAGÓGICO Jonatas Hericos Isidro de Lima | 43 |
| 5. PRÁTICAS EDUCATIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS DIFERENTES POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS Gladys Aparecida da Silva | 49 |
| 6. ALUNOS DEPENDENTES E INFLUENCIÁVEIS Luzerlila Perestrelo Valente | 55 |
| 7. A ESCOLA E SEU PAPEL NO DESEMPENHO SOCIOEMOCIONAL Nádia Rúbia Oliveira Magalhães Pina | 61 |
| 8. AS CONDIÇÕES E OS PROCESSOS SOCIOINSTITUCIONAIS E O DESEMPENHO ESCOLAR Paulo Cordeiro Leite | 67 |
| 9. GESTÃO ESCOLAR: DESAFIOS E PERSPECTIVAS Silvana Fátima Boni Morato | 71 |
| 10. A PROBLEMÁTICA DA QUALIDADE DA EDUCAÇÃO E DO ENSINO Wilder Dala Quinjango | 77 |

A PROBLEMÁTICA DA QUALIDADE DA EDUCAÇÃO E DO ENSINO

WILDER DALA QUINJANGO

RESUMO: Cada vez mais, cresce a convicção de que a educação é de facto uma mola impulsadora para o desenvolvimento social de qualquer país. Na mesma proporção, a grande preocupação de muitos, prende-se com grandes investimentos para este sector indispensável por ser produtivo. Pelo que, fruto da nossa observação, verificamos que cada vez mais, critica-se, lamenta, desacredita-se que a educação angolana ou provavelmente a brasileira, não tem qualidade. Neste texto, intenciona-se promover uma reflexão indispensável para a compreensão do conceito-qualidade da educação. E igualmente, reconhece-se que a reformulação do ideal das reais características de um indivíduo educado, porém, é de facto um detalhe ignorado.

Palavras-chave: Aprendizagens. Desenvolvimento. Educação. Renovação.

INTRODUÇÃO

A problemática do rendimento escolar ou sucesso escolar, de modo genérico tem estado no pedestal das atenções de muitas nações e estados. No caso específico, ela é traduz-se igualmente numa preocupação para encarregados, professores, direcção da escola ou mesmo para uma determinada região do país. Ao certo, todos almejam aos alunos rendimento escolar satisfactorio, pois, é de facto a formação do homem novo que está em causa e consequentemente a transformação e desenvolvimento social.

Por exemplo, o Presidente da República de Angola, João Manuel Gonçalves Lourenço, reiteradamente nos seus discursos tem assumido que o ensino angolano não tem qualidade. E consequentemente tem advogado pela formação de qualidade dos professores como esperança para a sua qualidade.

Nesta linha de pensamento, NORONHA & NORONHA (1998, p.11), na sua obra "Sucesso Escolar", referem que quando se discute sobre sucesso escolar, na essência, procura-se combater o insucesso escolar. Destacam igualmente que a preocupação de muitos compreende-se da seguinte forma:

Elaboram-se cuidadosamente definições conceptuais e categorizantes;

Especula-se filosoficamente, em grupos multidisciplinares, acerca das origens do insucesso e do seu relacionamento socio-profissional;

Distribui-se indiscriminadamente grande quantidade de leite que muitas crianças rejeitam;

Fazem-se planos e programas educativos individuais;

Nomeiam-se professores de apoio que fazem relatórios além de inúmeras reuniões para estudar os problemas;

Mandam-se efectuar exames psicológicos que pouco ou nada detectam para além de indicar genericamente a necessidade de apoio;

Fazem-se reuniões com os pais, que muitas vezes endossam a solução aos professores e à escola, como se nada tivessem a ver com o assunto.

Isso pressupõem-se crer, que a questão do sucesso, é um campo complexo. Porém, neste processo, comete-se equívocos quando pensa-se em uma vertente, ou quando atribui-se a um grupo como solução ou como problemático; diríamos mesmo como bode expiatório dos constrangimentos causados pela maioria. O certo, é que poucos são consciencializados nisso,

"ou seja, via de regra, o insucesso escolar está relacionado com os problemas sociais. Por outro lado, inúmeras vezes esta resulta das condições de não inteiração entre proposta de ensino, o projecto pedagógico, o currículo escolar e a formação do professor". (SOUSA, 2018, p. 73)

Face a esta discussão, concordamos com SOUSA (2018), de que neste processo, do insucesso escolar, para além de focar-se nas inúmeras dificuldades que lhe dão origem, é necessário buscar-se facilitadores para sua solução ou seja, do alcance do sucesso escolar. Pois, como solução, aponta-se a sugestão pelo aumento de verbas no OGE, construção e apetrechamento de estruturas modernas, criação e distribuição de manuais, remunerar bem os docentes etc.

Ainda sequenciando com Sousa, ao analisar a questão da educação Angolana, considera que a mesma atingiu patamares quantitativos e não qualitativo. E lamentavelmente um outro problema observado pelo autor, “é que diante da falta de qualidade geralmente procura-se um responsável por isso e normalmente é apontado o professor com o argumento de que ele tem formação insuficiente para exercer tal função” (SOUSA, 2018, p.89).

TAMO (2018) ao referir-se a qualidade do ensino, destaca que “revela-se quando a formação conferida aos quadros corresponde às necessidades do desenvolvimento humano e sustentável do país”(p.35). Advoga igualmente que a qualidade deve ser considerada como uma propriedade globalizante, a da competência, isto é, que integraria o saber-fazer, saber-ser e saber-estar.

É precisamente este problema que julgamos pertinente aprontar. No contexto angolano bem como em outras latitudes, facilmente critica-se, duvida-se e afirma-se que a educação não tem qualidade. Nesta senda, uma questão deve ser formulada: não tem mesmo qualidade a nossa educação?

O REAL SENTIDO DA QUALIDADE DA EDUCAÇÃO E DO ENSINO

A noção de sucesso escolar ou insucesso escolar, compreende-se em função de determinados objectivos descritos. O seu conceito é variável de acordo a determinados Estados, povos, contextos geográficos e de escola à escola. A compreensão do sucesso escolar no contexto específico de Angola, só é possível através de uma avaliação mais detalhada tendo em conta os diversos parâmetros (estatísticos e outros). E por sua vez, reconhece-se que há um detalhe ignorado por aqueles que formulam as políticas educativas.

Nesta senda, para a devida compreensão, importa destacar-se um facto relectado por (PILETTI, 2010), que por ocasião do tratado de Lancaster, isto é, na Pensilvânia (Estados Unidos), no ano de 1744, entre o governo da Virgínia e as seis nações indígenas, sendo que os americanos propuseram a oferta de varias vagas de formação para muitos jovens Índios. De modo a que os mesmos aprendessem os conhecimentos do homem Branco.

Na sequência da oferta proposta, (PILETTI, 2010), destaca:

Apreciamos enormemente o tipo de educação que é dada nesses colégios e nos damos conta de que o cuidado de nossos jovens, durante a sua permanência entre vocês, será custoso. Estamos convencidos, portanto, que os Senhores desejam o bem para nós e agradecemos de todo coração.

Mas aqueles que são sábios, reconhecem que diferentes nações têm concepções diferentes das coisas e, sendo assim, os senhores não ficarão ofendidos ao saber que a vossa ideia de educação não é a mesma que a nossa.

Prossegue ainda o representante dos Índios:

...Muitos de nossos bravos guerreiros foram formados nas escolas do Norte e aprenderam toda vossa ciência. Mas, quando voltavam para nós, eles eram maus corredores, ignorantes da vida da floresta e incapazes de suportar o frio e a fome. Não sabiam como caçar o veado, matar o inimigo e construir uma cabana, e falavam a nossa língua muito mal. Eles eram, por tanto, totalmente inúteis. Não serviam como guerreiros, como caçadores ou como conselheiros. (PILETTI, 2010, pp. 9-10).

Nesta perspectiva, conforme o texto citado acima em (Piletti, 2010), podemos perceber que constitui como sucesso Educacional para a realidade indiana, isto é, para o contexto do tratado, as seguintes qualificações:

- Saber falar correctamente a sua língua
- Ser um bom corredor
- Ter domínio da vida da floresta
- Capacidade de suportar o frio e a fome

- Saber caçar o veado, matar o inimigo
- Saber construir uma cabana
- Ser bom guerreiro, e um bom conselheiro.

Assim sendo, importa frisar, que a definição de objectivos é fundamental para o alcance de qualquer coisa. Não menos importante, é a definição exaustiva e clara sobre o perfil de uma educação de um país ou escola. Qual é o ideal da educação angolana ou brasileira? Todos países, escolas que não definem o padrão do seu homem a formar, vivem de facto numa autêntica contradição, quando assume-se que não tem qualidade.

Pelo menos, no contexto Angolano, pode-se assumir a existência de uma ruptura e certa opacidade no que concerne a definição de um indicador de base do homem educado. Porque a constituição da república de Angola (2010), bem como a Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino (nº17/16), não descrevem nem tipificam o homem modelo a alcançar, pese embora o mesmo Sistema, aponta a Educação como processo planificado e sistematizado de ensino e aprendizagem que visa preparar de forma integral o indivíduo (art.2º). Pois, entende-se igualmente que deve-se novamente destacar a seguinte questão: Quem é o homem educado em Angola?

Ainda assim, pode-se alimentar a crítica de que não há qualidade em Angola? Qual é o sustentáculo destes argumentos ou convicções?

Certamente, ao reflectir-se sobre a questão do sucesso escolar/ insucesso escolar, na visão de (Quinjango, 2018; Sousa, 2018), defronta-se com uma problemática que é compreendida pela culpabilização entre uns e outros, principalmente quando a análise é específica do sucesso dos alunos de uma determinada escola. Pois, os pais apontam os professores (como incapacitados) e a escola como culpada do fracasso escolar dos seus filhos. Os professores rebatem-no apontando que é a ausência do acompanhamento dos pais nos deveres escolares que vivencia-se tal fenómeno. E não obstante a isso, as vezes os próprios professores, culpam os seus alunos, como preguiçosos, distraídos, e sem motivação ou interesse no seu aprendizado.

Logo, embora exista essa culpabilização constituindo como problema, em parte, reconhecemos que é razoável. O gravíssimo, é a falta de clarificação ao Órgão Central do Estado do “homem educado” ou a educar no contexto local.

ZAU (2019), reconhece que o conceito de qualidade é plurissignificativo na sua gênese. Pois, “é de difícil operacionalização e a sua utilização como elemento estruturante das políticas educativas revela grandes ambiguidades”(p.53). Essas ambiguidades de acordo Fonseca citado por (ZAU, 2019, p. 53) resultam de diversos factores que asseguir destacam-se:

Primeiro: A qualidade pode ser vista como um conceito absoluto e, nesse caso, faz-se parte da substancia do proprio ensino e da propria escola(e, por tanto, não há “boa ou má qualidade”, mas sim “bom ou mau ensino, ou boa ou má escola). Neste caso, o que está em causa, são as questões de sempre: os princípios, os valores, as metas, os modelos, etc., de educação. Ou então, a qualidade é vista como um conceito “relativo” e nesse caso, não há uma qualidade, mas varias “qualidades” conforme as funções, situações, os actores, as épocas, etc.. estas qualidades, constituem atributos do sistema educativo e das escolas que variam em função de uma diversidade de factores que não podem ser escamoteados por pretensas soluções técnicas. Importa, com tudo sublinhar, que num e outro caso, a qualidade é sempre uma construção social e , por tanto, um lugar de negociação, de estratégias, de relações de poder.

Segundo: “Defender a qualidade” não é lutar por um qualquer valor “supremo”, ideologicamente puro e politicamente neutro, mas sim uma forma de racionalizar a acção governativa em função de um conjunto de normas definidas pelo poder politico. Neste sentido, se existe uma qualidade, “apriori”, que resulta da definição de critérios para aplicar a qualidade e de indicadores para medir, também existem “qualidades a posteori” que resultam, pois, da acção prática do jogo de actores no próprio terreno onde se constroi a qualidade.

Terceiro: O caracter instrumental que é dado ao conceito da qualidade como norma-padrão de desempenho e referente avaliativo basea-se numa simplificação artificial das finalidades da educação, das diversidades de situações educacativas e da sua temporalidade, bem como da complexidade do processo educativo, dos seus espaços e dos seus contextos. A qualidade do ensino e das escolas fica assim limitada pela propria natureza dos instrumentos de controlo e de medidas utilizadas.

Quarto: Se, à semelhança do que acontece no mundo empresarial, considerarmos a qualidade como a “satisfação do cliente” (e se se encontrar no jogo de esta comparação), coloca-se desde logo, o problema de saber quem é o cliente da escola. A multifuncionalidade da escola, determina, necessariamente, a diversidade de clientes: pais, os alunos, as empresas, etc, “consomem” coisas diferentes e além disso, cada um destes grupos de interesses diverge também entre si-por razões culturais, sociais, económicos, políticas, etc.-o que implica que definam atributos diferentes para estabelecer a qualidade da escola.

Estes pontos, nos tornam explícitos de que a noção de qualidade é difícil e variável. Para tal, deve-se levar em consideração vários factores conexos. E posteriormente partir-se pelas definições e resoluções de elementos indispensáveis.

Neste fio lógico, concordamos com (FONSECA, citado por ZAU, 2019, p. 54), quando refere que

“na crítica às políticas de melhorias da qualidade da educação, o que está em causa não é a adopção do conceito de qualidade para traduzir o objectivo de promoção e melhorias do funcionamento dos sistemas educativos e das escolas, mas o facto de se ignorar que , em educação, a qualidade (as suas normas e os seus padrões) não são naturais, nem consensuais, mas sim construídos e problemáticos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, diante da discussão sobre a temática da qualidade ou da má qualidade do ensino e da própria educação, deve-se relevar um indicador de base. Sempre, deve-se formular a questão filosófica: Quem é o homem educado em Angola? Se esta ignorância perdurar enquanto essencial, ficar-se à na ilusão de que não se conquistou a tal qualidade da educação ou do ensino. Aqueles que têm responsabilidade de traçar políticas educativas, devem imperativamente considerar este detalhe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Constituição da República de Angola. Angola: Imprensa Nacional, Angola, 2010).

Lei de bases nº 32/ 20 de 12 de Agosto, Lei que altera a Lei nº 17/16 de 7 de Outubro-Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino. Assembleia Nacional.

NORONHA, Z. de & NORONHA M. de. **Sucesso Escolar.** Plátano editora,

PILETTI, C. **Didática Geral.** 24ª ed. São Paulo: Ática editora, 2010.

QUINJANGO, W. D. **A educação familiar como factor determinante na formação da personalidade do individuo: caso, bairro Caop- B/ Viana- Luanda.** Trabalho de fim de curso. Luanda: Instituto Superior de Ciências da Educação, 2018.

SOUSA, N. M. de. **Gestão democrática da escola pública em Angola.** Curitiba: Mona Ltda, 2018.

TAMO, K. **A governança das instituições de ensino superior (IES) públicas.** Edições bilíngue: CAPATÊ-Publicações, Luanda, 2018.

ZAU, M. **Processo de avaliação da qualidade de ensino superior em Angola.** 2ª ed.: Coleção Consciência e Desenvolvimento Local, Luanda, 2019.



Wilder Dala Quinjango

Licenciado em Ciências da Educação opção pelo Ensino de Psicologia pelo ISCED - Luanda. Mestrando em Administração Educacional pelo ISCED Luanda. Professor Universitário pelo Instituto Superior Politécnico Internacional de Angola ISIA - Zango, no curso de Pedagogia e Psicologia. Também pelo Instituto Superior Politécnico Deolinda Rodrigues no Curso de Psicologia.



ORGANIZAÇÃO:

Andreia Fernandes de Souza
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

- Ana Paula Mariano da Silva
- Delmira Moreira da Cruz
- Elida Eunice da Silva
- Gladys Aparecida da Silva
- Jonatas Hericos Isidro de Lima
- Luzerlila Perestrelo Valente
- Nádia Rúbia Oliveira Magalhães Pina
- Paulo Cordeiro Leite
- Silvana Fátima Boni Morato
- Wilder Dala Quinjango



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.21>

www.primeiraevolucao.com.br

Filiada à:

